

# ANDERSEN, PRETEXTO PARA UNS QUANTOS CONSIDERANDOS EM TORNO DA RELAÇÃO LITERATURA/JORNALISMO

Mário Pinto

Professor Auxiliar

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP

mpinto@ufp.pt

*Colaborações na Imprensa, com artigos e ensaios, como pretexto para uma reflexão sobre as relações entre literatura e jornalismo: Complementam-se? Opõem-se? Anulam-se? Imbricam-se? Terão, pelo menos, pontos de contacto? Poderá uma ser ponto de partida para o outro, ou vice-versa? Será a coabitação de ambos possível? Peculiaridades de cada um e pontos comuns a ambos. Objectivos e estilos. Especificidades das respectivas linguagens.*

Revisitar Hans Christian Andersen, na sequência da sua escolha como temática a versar no presente número das revistas da Universidade Fernando Pessoa, revelou-se da mais candente oportunidade e constituiu, como aliás sempre acontece, mais um dos momentos de indizível deleite que o contacto com este vulto maior das letras contemporâneas sempre propicia: a mestria na exploração da riqueza semântica das palavras aliada ao rigor da construção frásica são, de facto, marcos paradigmáticos, seja *n' O Patinho Feio* seja (mormente) em *Uma Viagem a Portugal em 1866*. Situação em tudo análoga à propiciada pela sua quase homónima portuguesa, Sophia de Mello Breyner Andresen.

Constatação que mesmo uma breve digressão por alguns dos mais pregnantes poemas da autora corrobora e de que um 'mergulho' nos *Contos Exemplares* (1992, 25ª ed.) – expoente de uma literatura (também) de empenhamento social, de denúncia das injustiças – é confirmação e sólido esteio. Com efeito, independentemente da beleza/riqueza quer de *Os Três Reis do Oriente* (Gaspar, Melchior e Baltasar), da *Praia*, ou de *O Homem*, entre outros, é com *Homero* – “um velho louco e vagabundo a quem chamavam o Búzio.”<sup>1</sup> – e a quem todos, sem piedade cristã, escorraçavam (“– Vai-te embora, Búzio!”), ou antes, com a magistral descrição da sua indignância (*ibid.*, p. 150):

*O Búzio não possuía nada, como uma árvore não possui nada. Vivía com a terra toda que era ele próprio.*

*A terra era sua mãe e sua mulher, sua casa e sua companhia, sua cama, seu alimento, seu destino e sua vida.*

que Sophia nos deixa fascinadamente perplexos perante a sua capacidade de tão lhana-mente sugerir mais do que diz, assim nos permitindo visualizar todo um quadro/cenário e obrigando a uma pausa para cabal degustação/fruição do lido: a protecção do deserdado confiada à terra que, concomitantemente, lhe deve dispensar o desvelo materno, o apoio conjugal, ser seu lar, alimento e aconchego, numa palavra, o seu mundo e destino!

Palavras que, ao referir que o Búzio “falava com o mar” (*ibid.*, p. 153), define como:

*(...) palavras moduladas como um canto, palavras quase visíveis que ocupavam os espaços do ar com a sua forma, a sua densidade e o seu peso. Palavras que chamavam pelas coisas, que eram o nome das coisas. Palavras brilhantes como as escamas de um peixe, palavras grandes e desertas como praias. E as suas palavras reuniam os restos dispersos da alegria da terra.*

<sup>1</sup> Cf. *ibid.*, p. 147.

Perante exemplos deste cariz fácil se torna compreender – não lhe falta, para tanto, legitimidade nem pertinência – que, no pórtico deste livro, António Ferreira Gomes (*ibid.* p. 12), parodiando uma frase célebre, sublinhe “[...] que mal se encontra terceiro na alternativa entre a literatura de miséria e a miséria da literatura”.

Dicotomia que aproveitamos – antes de mais, por, dado o carácter poliédrico da temática em apreço, estarmos convictos de não irem escassear as colaborações a dissecionar a vertente literária de tão úbere obra – para introduzir novo ângulo de abordagem tendente à consecução de uma diferente problematização da questão: tecer uns quantos considerandos acerca das relações entre literatura e jornalismo tentando assim fazer a ponte entre ambos e com o autor.

Começemos, então, por formular umas quantas questões cujas respostas – ou antes, a procura das quais – constituirá a base desta reflexão: literatura e jornalismo, complementam-se? Opõem-se? Anulam-se? Haverá imbricação entre ambos? Poderá uma ser ponto de partida – ou de chegada – para o outro, ou vice-versa?

Trata-se, como é fácil inferir, de questões que não podem/devem ser elididas visto con-substanciar um tema sempre candente e uma polémica nunca suficientemente esclarecida. Tanto mais que, não obstante predominarem os estereótipos na problematização coeva da temática, a maior parte dos argumentos aduzidos pelos prosélitos de ambas as posturas, ainda que quase axiomáticos, não têm contudo, conseguido ser apodícticos, pelo que acabam por lhe conferir o estatuto de lídimo aporismo e tornar a discussão dos limites periodismo/literatura uma discussão improfícua, porque plena de apriorismos. Por isso, e sem pretendermos alongar-nos sobre tão antiga quão inconclusiva polémica, não poderemos deixar de lhe fazer a merecida referência até porque há opiniões, provenientes de vozes abalizadas, que merecem ser objecto de ponderação. A adução de uns quantos exemplos, das mais pertinentes dessas opiniões, será suficiente para clarificar a nossa asserção.

Assim, enquanto Baptista-Bastos insiste em que “O jornalismo é uma disciplina superior da literatura.”, João Gaspar Simões (1983, p. 50) depois de asseverar ser o jornal “[...] quase sempre uma má escola de escritores, no que se refere à formação da sua consciência intelectual e à modelação da sua personalidade literária – estilo, gosto, sensibilidade”, concede, no entanto, que:

*(...) muitas são as vantagens que àqueles [escritores] oferece quando encaramos a profissão de escritor pelo lado do conhecimento das realidades, do amadurecimento do espírito de observação e da ténpera de aço de que devem ser feitas as suas antenas de apreensão do fenómeno humano.*

Testemunho de irrefutável proficiência, neste âmbito, é o de Salvato Trigo (1987, p. 11) que postula:

*Fiquemo-nos por um comentário breve sobre a relação entre o jornalês e o literário [...]. Uma afirmação consabida a respeito daquela relação é a de que a literatura começará justamente lá onde o jornalismo termine. Os adeptos desta posição consideram, portanto, que o jornalês e o literário são incompatíveis, na medida em que ao impessoalismo daquele corresponde este com profusão de marcas enunciativas. Citemos a este propósito a resposta que o poeta angolano António Jacinto deu à pergunta formulada por um seu entrevistador: ‘ – Jornalismo e literatura são expressões antagónicas ou podem completar-se?’. O poeta respondeu textualmente: ‘ – Direi melhor: podem anular-se. A linguagem, o modo e o ritmo do jornalista são diferentes. Devem ser raros os casos do bom jornalismo e do bom literato no mesmo homem. Há sempre um sector que fica prejudicado, quando não são os dois. Entendo, porém, que o jornalismo é uma boa escola para o escritor.*

Pese embora a irredutibilidade de certas posturas, irrefragável é – e os exemplos atrás aduzidos são disso apodixe – as diferenças existirem e, mesmo começando por referir alguns factores exógenos, basta pensarmos na disparidade das circunstâncias temporais em que ambos exercem o seu múnus: se o escritor pode aguardar serenamente a chegada do momento mais oportuno, a criação de condições mais propícias para concluir a sua obra (repensar, reformular, reescrever, o que, como não raro acontece, pode levar anos), já o jornalista, pelo contrário, tem de cumprir a sua tarefa em permanente luta contra o tempo, sempre pressionado e condicionado pela improrrogável hora do fecho (argumento tantas vezes invocado para justificar a falta de esmero com a prosa, mas que a nosso ver não passa de uma falsa questão). Não menos marcante, nesta dicotomia, é a finalidade de ambos, que no caso do periodismo é inequívoco ser a utilidade da informação.

Creemos, todavia, não ser esta a forma mais curial (nem profícua) de perspectivar a questão: de facto, e isso é incontornável, se o jornal pode admitir junto da estrita informação a mais depurada literatura – embora, por vezes, insista em dela se demarcar, como assinala Salvato Trigo (*ibid.*, pp. 12-13): “Se falarmos da actualidade, parece-me que o jornalismo feito entre nós cura ao máximo de evitar confundir-se com a literatura.” –, situação em tudo antinómica da que se verificava ainda num passado recente<sup>2</sup>, a questão deveria, a nosso ver, consistir em saber se a linguagem utilizada pelo jornalista fecha ou não a porta à expressão literária ou se, pelo contrário, é possível compatibilizá-las. Linguagem acerca da qual preconiza o mesmo autor (*ibid.*, p. 12):

*O jornalismo [...] tem de fazer-se numa linguagem predominantemente substantiva que garanta o máximo de distância entre quem escreve, quem informa, e o que escreve, o que informa. Torna-se, assim, necessário que os modalizadores, sobretudo os adjectivais e os adverbiais, não surjam no discurso do que, redundantemente, vamos chamando jornalismo informativo, porque, doutro modo, a informação, acto puramente físico, subjectiva-se e confunde-se com a comunicação, no sentido em que esta, por ter uma intenção, procura desenvolver a função apelativa da linguagem. Aqui emerge já, portanto, uma diferença entre o literário e o jornalístico: à constante referencialidade deste opõe aquele um discurso mais empenhado em agir sobre o destinatário, fazendo-o aderir por simpatia lexical ou imagética ao mundo verbal que é a literatura. Mas bastará a insistência em modalizadores apelativos para se franquear a fronteira entre o jornalismo e a literatura? É óbvio que não. O jornalismo dito opinativo, cada vez mais presente nos nossos hebdomadários, e não só, contém essa marca discursiva, dado que procura, mais do que informar, formar a chamada opinião pública, na acepção mais vasta deste conceito, mas nem por isso poderemos afirmar categoricamente que esta espécie de jornalismo é passível da adjectivação literária, porque a efemeridade e a transitoriedade do mundo referencial em que ele se fundamenta não lhe consentem aceder ao estatuto de literário que tem de ser intemporal.*

Opinião perfilhada por Martínez Albertos (1983, pp. 192-193) que sublinha que os objectivos de eficácia e de economia expressiva, peculiares da linguagem periodística, excluem que ela seja concebível em termos de verdadeira criação artística, e o facto de haver textos em que esta é evidente, mais não faz do que realçar a diferença entre o jornalista profissional, cuja esfera de acção é o estilo informativo, e escritores de jornais, cujos cultores se movem no âmbito do estilo ameno ou folhetinista e “hacen literatura para periódicos”, usando portanto “una lengua literaria, no una lengua periodística”.

Asseveração que torna imperioso abirmos aqui um breve parêntesis tendente a confrontá-la com o artigo de Roland Barthes (1977, p. 207), “Escritores e Escreventes”, onde o autor distingue uns dos outros assinalando que, em relação à sociedade, os primeiros, ao escrever,

<sup>2</sup> Como o autor faz questão de recordar (*ibid.*, p. 13): “Mas, se recuarmos ao início do século passado, então, essa distinção de fronteiras não era tão nítida, [...]. A crónica e o folhetim, e mais tarde a grande reportagem, aparecem-nos, assim, como espécies discursivas mistas pertencendo, a um tempo, ao jornalismo, pela sua quotidianidade, e à literatura, pelo imaginário que as acompanha. O jornalismo de língua portuguesa tem exemplos sobejos desses, digamos, jornalistas-escretores. Praticamente todos os nossos grandes escritores oitocentistas estiveram ligados ao jornalismo, sentindo-se no seu estilo vestígios desse quotidiano informativo, da observação ligeira dos ambientes, da linguagem da transparência entregando-se à descodificação suave e imediata, como é o caso, entre outros, de Garrett nas suas Viagens. Mais próximo de nós, poderíamos lembrar um escritor para quem o jornalismo foi, de facto, uma autêntica escola literária bem visível, aliás, no seu estilo descritivo: referimo-nos a Raul Brandão.”

cumprem uma função, enquanto os segundos desenvolvem apenas uma actividade. O que, consubstanciando um curioso paralelismo, é de sinal contrário, porquanto, nesta situação específica, Martínez Albertos inverte os dados da equação, isto é, atribui aos jornalistas profissionais os encómios que Barthes reserva para os escritores, e considera escreventes os escritores de jornais, ou seja, aqueles colaboradores mais ou menos episódicos cuja esfera de acção – o estilo ameno ou folhetinista – está fora do estilo nobre, o informativo. Objecções de monta impedem-nos de perfilhar este ponto de vista. Quanto a nós, e atinente à carga depreciativa que imbui o vocábulo escrevente – ‘copista; empregado inferior de um escritório.’ – a questão deverá ser equacionada de um outro prisma. Independentemente do estilo utilizado, reservaríamos a designação escritor, conferindo-lhe um carácter mais abrangente, a todos aqueles – jornalistas ou colaboradores – que, autores de textos que nos reconciliam com o jornal, que tornam a sua leitura uma oração de sapiência, fazem literatura para periódicos. Escreventes, com toda a carga depreciativa inerente ao vocábulo, seriam então os autores das pérolas com que recorrentemente deparamos.

De onde se conclui que, se há quem considere defeito a tendência (tentação?) de literarizar o estilo jornalístico, também não falta quem contraponha existir na força da linguagem informativa o cunho de expressão literária. Na verdade, tal como a influência do periodismo não desmerece o labor literário de um escritor de renome, também a literatura não põe em perigo a vocação literária de tantos jornalistas que passam a sua vida exercendo funções (quantas vezes rotineiras) em redacções dos mais variados periódicos.

Tudo o resto – que o periodismo é o irmão pobre da literatura, uma espécie de literatura menor, literatura com pressa ou, mesmo, paraliteratura – são, em nossa opinião, epítetos esgrimidos pelos seus detractores com tanta ênfase quanto, nos seus antípodas, o são os argumentos advogados pelos seus apoletas tendentes a provar ser o periodismo veículo de linguagem criadora ao mesmo tempo que veículo da cultura do seu tempo, expoente máximo da arte de escrever ou, ainda, poder este ser concebido como escola de escritores, ser possível fazer literatura com um estilo informativo, ser possível aplicar ao escritor muitas das virtudes que costumam ser apontadas como inseparáveis do periodismo. Abstraídos os epítetos, as restantes afirmações são verdades tão irrefutáveis que, além de não merecerem contestação, servem, no essencial, para comprovar a estreita vizinhança entre ambos.

Simplesmente, ‘vizinhança’ – ainda que indiciadora de uma certa intimidade – não é, nem pode ser, sinónimo de identidade e, no caso vertente, apesar de aquela existir, algo as separa: a necessidade de informar que obriga o periodismo. Mas não só. Se, devido ao facto de ambos serem ramos de um tronco comum, os une o amor pela palavra, também a finalidade os separa: ainda que materialmente idênticos, os discursos periodístico e literário são radicalmente distintos pela sua índole ou, como Pilar Diezhandino (1994, p. 190) postula:

*Lo que diferencia a la narración puramente literaria de la periodística, si hubiera que hablar de estados químicamente puros, es una cuestión de objetivos y estilos: hay un estilo informativo y un estilo literario.*

Portanto, se há aspectos que os aproximam, outros há que, inexoravelmente, os separam: designadamente, o facto de a imprensa não impor outras fronteiras que não as de espaço/tempo, a informação como objectivo e a exigência de imediatez que essa informação requer.

E é justamente esta faceta – a perene urgência em que o jornalismo vive – que serve de argumento a Oriana Fallaci para dele se demarcar<sup>3</sup>: admitindo ser uma escritora lenta e, como tal, carecer de tempo para pensar, repensar, fazer e refazer – o que não se coaduna com a rapidez por aquele reclamada –, confessa “Soy una escritora prestada al periodismo.”<sup>4</sup>. Opinião não coincidente com a de alguns críticos como, por exemplo, Ramón de España<sup>5</sup>, para quem o lugar de Oriana Fallaci é no periodismo e não na literatura, o que pretende provar não se coibindo, inclusive, de sublinhar a propósito de *Inshallah* (o livro acerca do qual tece este comentário): “[...] una buena muestra de cómo un periodista metido a novelista no siempre sale triunfante del empeño.”<sup>6</sup>

Antagonismo de pontos de vista que aproveitamos para introduzir nova vertente da questão: a do prisma de abordagem desta problemática. Com efeito, antinómico do de Oriana é o posicionamento de Bernardino Hernando (1990, pp. 11-12), que, numa análise tão lúcida quanto notável, explica como a sua chegada ao periodismo se processa a partir da literatura, justificando o percurso pelo gosto de escrever.

Como depois sublinha (*ibid.*, p. 12), cedo, porém, se consciencializou da urgência de proceder a alterações/adaptações na sua linguagem, ditadas pela especificidade do meio que acabava de abraçar, uma profissão que no seu dizer “[...] obligaba a contar lo que estaba

<sup>3</sup> O desencanto de Oriana Fallaci tem ainda outra determinante, igualmente redutora: a imposição, inerente ao periodismo, de ter de se cingir ao relato dos factos, de coisas verdadeiras, efectivamente vistas ou vividas, o que, do seu ponto de vista, coarcta a criatividade própria do escritor, é “[...] una terrible imposición contra la necesidad de narrar, de dejar libre las invenciones, los pensamientos.”, pelo que não hesita em o apodar de ‘voto de castidade’. Furio Colombo, “El destino de Oriana Fallaci”, in *ABC Literário*, 28/7/1990, p. IX.

<sup>4</sup> In *El País*, 16/5/1992, p. 6.

<sup>5</sup> In *ABC*, 31/12/1988, p. IX.

<sup>6</sup> Embora sem questionar o talento nem os dotes da autora, conclui (*id.*, *ibid.*) pela insuficiência daqueles atributos na hora de mudar de género – opina, mesmo, que a enorme quantidade de informação periodística contida no livro poderia ser muito útil, quicá determinante na hora de entender as razões do conflito, porém a obra naufragava na sua vertente literária.

pasando de la forma más breve, clara, correcta y eficaz posible.”, e por isso procedeu aos imprescindíveis ajustamentos (“recortes cirúrgicos”) susceptíveis de lhe permitirem encaixar a sua ‘romántica idea del lenguaje’ na linguagem dos periódicos.

Pragmático, opta (*id.*, *ibid.*) pela procura de novas pistas susceptíveis de o conduzirem a “Una armónica amalgama en la que lenguaje literario y lenguaje periodístico no venían a combatir encarnizadamente, ni siquiera a competir.”, e lhe permitem chegar ao reconhecimento de que “Parecía mentira que ‘poner las cosas en su sitio’ pudiera llegar a ser una convergencia feliz.”. Se, no início, o periodismo lhe serviu apenas como mero suporte literário para dar vazão ao “[...] combate amoroso con el lenguaje, la necesidad de expresión.”, depressa interiorizou que ambas as actividades eram compatíveis pelo que “sin matar ni una sola ilusión literaria” podia partir para novos horizontes servindo-se da linguagem como pista de descolagem e de aterragem para viajar entre uma e outra sem necessidade de abandonar qualquer delas – periodismo ou literatura. O segredo estava na linguagem, e é a consciência da necessidade da sua adaptação às circunstâncias de utilização em cada um dos casos que lhe permite assinalar que o escritor nato estará (*ibid.*, p. 12):

*[...] en mejor disposición que nadie para manejar un lenguaje que no por ser llamado [¡ tantas veces con retintín!] ‘periodístico’ ha de envidiar nada, ni hacerse perdonar nada. Por la sencilla razón de que es, probablemente, el mejor espejo del lenguaje, sin más.*

Argumento que legitima, e de que nos servimos, para a formulação de uma questão, quanto a nós de plena pertinência: que concatenação pode haver entre a formação base do jornalista, a sua proveniência e o modo como se exprime? Será possível estabelecer uma relação causa/efeito entre a origem do jornalista e o estilo que incute aos seus escritos?

A questão não é pacífica, até porque, como atrás assinalámos, as relações entre periodismo e literatura (ou entre estilo periodístico e estilo literário) sempre foram objecto de grandes polémicas. E porquê? Basicamente, pelos conceitos antinómicos em que reciprocamente se têm, mas também pela importância que as diferentes correntes atribuem a cada um destes estilos. Assim, enquanto há quem defenda não existir o mínimo termo de comparação entre ambos, visto tratar-se de âmbitos diferentes com objectivos distintos, também há quem advogue que, não obstante estarem em causa domínios diferentes, sempre houve e haverá entre eles pontos de contacto e, por último, os que opinam existir uma profunda interligação entre ambos.

É esta a perspectiva de Miguel Delibes<sup>7</sup>, que concebe o periodismo como escola de escritores, quer na vertente estritamente periodística, quer na literária. Como explica, se foi no periodismo que se iniciou e aí aprendeu a “[...] redactar, a valorar el alcance humano de la

noticia y a facilitar al lector el mayor caudal de información con el menor número de palabras posible.”, confessa que, no entanto, a partir de um dado momento periodismo e literatura se tornaram na sua vida duas actividades paralelas que se enriqueceram mutuamente. É com a autoridade que lhe advém desta sua experiência pessoal que repudia energicamente a visão daqueles para quem o periodismo não tem outro valor que não o de ser “[...] el desecho de la literatura.”. E como que a corroborar esta imbricação de esferas, em que o periodismo funciona como pista de descolagem (e não como jaula que impede de levantar voo), acrescenta (*id.*, *ibid.*) que se tempos houve em que o periodismo utilizava uma linguagem chã, da rua, e a literatura outra, ‘engomada’ e conceptista,

*[...] eran dos vías. Pero hoy el lenguaje de la prensa escrita tiende a dignificarse mientras el más estrictamente literario (salvo en experimentos vanguardistas) se simplifica,*

concluindo que, hodiernamente, ambas as actividades se dão a mão tanto mais que para o exercício comum é o mesmo o instrumento utilizado. É, pois, por demais evidente residir a diferença, para Delibes, numa prosa mais cuidada, “[...] libre ya de aquello que es consustancial al periodismo: el apremio.”.

Para além dos casos referidos, dos mais paradigmáticos, porquanto consubstanciam em si três formas diferentes de relacionamento com o periodismo – ponto de chegada (para Bernardino Hernando), de partida (para Oriana Fallaci) ou de permanência (Delibes) – outros há, a nosso ver menos ortodoxos, porque determinados quer por projectos de ambição pessoal, quer por razões económicas<sup>8</sup>.

Mas abstraída a questão da relação entre a proveniência do jornalista (a sua formação base) e o modo como se exprime, o importante seria vermos concretizado, independentemente dessa proveniência, o desejo expresso por Pilar Diezhandino (*ibid.*, p. 200) de que este conseguisse que, tal como à literatura, não faltassem ao periodismo os

*[...] detalles significativos, el tono emotivo, la expresión poética, las imágenes audaces. Literatura e periodismo tienen una función vital; como vehículos de expresión y conocimiento en un estilo tanto más elegante cuanto más conciso y terso.*

<sup>7</sup> In *ABC*, 27/6/1987, p. 3.

<sup>8</sup> Entre estes (os de índole económica) o mais vulgar é o do escritor que procura no periodismo a solução dos seus mais angustiantes problemas – inclusive de subsistência – e de que, lamentavelmente, não faltam exemplos (no passado e no presente). Quanto aos que visam o cumprimento de projectos pessoais (por vezes mera satisfação de ambições pessoais), são, regra geral, candidatos (a um lugar na política, a serem conhecidos ou, tão-só, a candidatos).

E isto porque, ainda na perspectiva da autora (*ibid.*, p. 201), entre o maior ou menor grau de ficção da literatura e as formas narrativas que o periodismo proporciona se cruza toda uma gama de possibilidades de que

*(...) escritores-literatos y escritores-periodistas se están beneficiando. Entre el deseo de comunicar algo y la obligación de informar sobre algo hay una variante de posibilidades al alcance de quienes sepan aprovecharlas.*

Assim elas sejam aproveitadas e confirmar-se-á o vaticínio dos que prevêem pertencer o futuro aos periódicos feitos por periodistas-escritores, os quais não poderão deixar de ter em consideração que, se o jornal é universal por dentro (pois resume a vida diária à escala planetária), também o é por fora, porquanto os seus leitores constituem um autêntico caleidoscópio dos mais variados interesses cujas expectativas não podem ser defraudadas. Daí que o Jornalismo – que segundo António Rangel Bandeira (1987, p. 74) é:

*(...) também um processo linguístico, através do emprego sistemático e criativo da palavra. Nele, a palavra é empregada desde a sua forma mais rudimentar – que é a coloquial – até aos processos mais elaborados da própria criatividade artística.*

– tenha de se esforçar por adaptar a linguagem a um processo criativo do qual brotem textos que não sejam padronizados como os dos manuais de correspondência comercial. Porque, mais do que especialista em generalidades – como alguns postulam e outros repudiam limitar e veementemente – o jornalista é um polígrafo: por isso pode e deve exigir-se-lhe que essa polivalência seja extensível à forma como o faz, tornando-se assim compreensível pelo público heterogéneo que o lê.

O que de modo algum pode ser visto como um velado apelo à tão propalada gregarização, que alguns tanto receavam como responsável pela proletarização do discurso, acerca da qual Robert Weiner (1968, p. 130) depois de sublinhar vivermos numa época em que ao enorme volume *per capita* de comunicação corresponde um fluxo cada vez menor de volume total de comunicação, adverte:

*Mais e mais, vemo-nos obrigados a aceitar um produto padronizado, inofensivo e insignificante, que, como o pão branco das padarias, é fabricado antes devido às suas propriedades de conservação e venda que ao seu valor alimentício.*

Com esta breve incursão pelas relações jornalismo/literatura pretendeu-se, mais do que problematizar a função do jornalista, evidenciar a amplitude do seu campo de acção e demonstrar que o seu horizonte não pode ficar confinado só a determinada faixa de leitores,

até porque, na curiosa expressão de António Carlos Pereira (1987, p. 80), “[...] os ‘leitores inteligentes’ são uma espécie em extinção.”, asserção que explica depois:

*São os remanescentes das últimas gerações que adquiriram na escola e desenvolveram por gosto próprio uma sólida formação humanística, que tinham a mente aberta para o conhecimento geral – estes bens hoje tão escassos (...).*

E como o actual sistema de ensino – que subalterniza a formação humanística do jovem – mais não faz do que restringir inapelavelmente a possibilidade de criar futuros leitores<sup>9</sup> empenhados e críticos (ou mesmo sem adjectivação), então que sejam os jornalistas a assumir a missão de colmatar essa lacuna, concebendo, com esse desiderato em vista, produtos que ao despertarem o gosto pela leitura e o hábito da sua prática levarão necessariamente ao consumo da literatura.

O que passa – também e mormente – pelo imperativo de evitar os perigos que espreitam o jornalismo, situação que até nem é tão recente quanto se possa pensar. Na verdade, já nos anos sessenta Alceu Amoroso Lima (1960, pp. 73 ss) lançava o alerta através da enumeração/explicação de alguns desses perigos, de que salientamos o ‘despreparo’ (a permanente necessidade de actualização da bagagem cultural) e o desconhecimento da língua (deve ser um eterno enamorado da língua, que é a argila com que vai moldar as suas peças), a facilidade (o ritmo acelerado a que a profissão obriga vai criar uma espécie de jornalista facilitário), o sensacionalismo, a venalidade (a íntima ligação à vida moderna leva à contaminação pelo amoralismo) e a superficialidade (no mundo coevo tudo é tratado pela rama, nada é aprofundado).

Pese embora a sua extensão, a enumeração impunha-se, porquanto ela consubstancia o diagnóstico – quiçá cruel, mas também perfeito – da situação, com a vantagem acrescida de vir do seu seio, partir de um prestigiado jornalista.

Uma vez evitados estes perigos – de que o desconhecimento da língua é, em nossa opinião, o mais gritante –, voltaremos a sentir que ler um bom jornal é sempre um momento de grande satisfação pessoal, um momento de fruição e de enriquecimento que só o nível de alguns jornalistas e colaboradores, que continuam a redigir com clareza e elegância

<sup>9</sup> João de Melo, numa crónica sob o título “O Erro Ortográfico” (in *Notícias Magazine*, s/d, p. 6), comentando as vozes que se levantam contra a ignorância frásica e a pobreza vocabular dos alunos e insurgindo-se contra a ‘imensa epidemia de labregos linguísticos’ que pululam, sublinha a dado passo: “A última geração que lê será também a última a não dar erros ortográficos; a fechar a porta atrás de si.”

– ou como diz Carmo Vaz (1992, p. 281): “Quando os jornalistas são grandes prosadores, a leitura do que escrevem dá prazer a quem lê, instrui, educa e ilumina a alma.” – nos faz acalentar a esperança de ser ainda possível ver instaurada como regra geral o que começa a ser exceção. O que, e disso estamos convictos, será determinante para a recuperação da credibilidade da Imprensa.

Por isso, e para concluir, nos permitimos recorrer de novo a Sophia e aos seus exemplares *Contos Exemplares*, mais concretamente a “A Viagem” (*ibid.*, p. 127), e tal como “a mulher só e perdida no fim” do conto e dessa “viagem sem retorno” pensou: «– Do outro lado do abismo está com certeza alguém. E começou a chamar.», continuarmos também nós a chamar a atenção (na esperança de que alguém nos ouça) para aspectos que urge repensar no discurso da Imprensa coeva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bandeira, António Rangel. (1987). Território e Fronteiras do Jornalismo e Literatura. In: AA. VV., *Jornalismo e Literatura. Actas do II Encontro Afro-Luso-Brasileiro*. Lisboa, Ed. Vega, pp. 73-78.
- Barthes, Roland. (1977). *Ensaio Crítico*. Lisboa, Edições 70.
- Carmo Vaz. (1992). *Linguística para Todos*. Lisboa, Círculo de Leitores.
- Diezhandino, María Pilar. (1994). *El Quehacer Informativo. El ‘arte de escribir’ un texto periódico*. Bilbao, Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco.
- Hernando, Bernardino M.. (1990). *Lenguaje de la Prensa*. Madrid, EUDEMA (Ed. Univ. Complutense, SA).
- Lima, Alceu Amoroso. (1960). *O jornalismo como género literário*. Rio de Janeiro, Liv. Agir.
- Martínez Albertos, José Luis. (1983). *Curso General de Redacción Periodística*. Barcelona, Editorial Mitre.
- Núñez Ladevéze, L. (1993). *Teoría Y Práctica de la Construcción del Texto*. Barcelona, Ariel Comunic.
- Pereira, Ant. Carlos. (1987). O papel do Jornalismo na formação cultural. In: AA. VV., *Jornalismo e Literatura. Actas do II Encontro Afro-Luso-Brasileiro*. Lisboa, Ed. Vega, pp. 79-83.
- Pinto, Mário J. F. (2001). *O Avatar da Linguagem da Imprensa Hodierna e Seus Actores*. Porto, Edições UFP.
- Simões, João Gaspar. (1981). Uma Língua Condenada à Morte. In: AA. VV., *Estão a Assassinar o Português? – 17 Depoimentos*, Lisboa, Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 49-52.
- Trigo, Salvato. (1987). Palavras Prévias. In: AA. VV., *Jornalismo e Literatura. Actas do II Encontro Afro-Luso-Brasileiro*. Lisboa, Ed. Vega, pp. 9-14.